

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

eleição presidencial

Covas põe o pé no freio

Candidatíssimo à Presidência da República desde já na cabeça de dez entre dez tucanos (subtraindo-se as exceções não assumidas), o governador de São Paulo, Mário Covas, dá um aviso geral aos navegantes: "Se o PSDB começar a falar agora em sucessão presidencial, o máximo que vai conseguir é tornar as coisas ainda piores para Fernando Henrique." Covas também não diz que não é nem que não pode ser. Aliás, pela primeira vez desde que se reelegera discute a questão sem exigir o pressuposto de que seu nome está fora da disputa ao Planalto.

Mas tem dito aos companheiros que fazem romaria ao Palácio dos Bandeirantes, desde que os médicos o liberaram da última sessão de quimioterapia com o diagnóstico de que o bombardeio químico preventivo à volta do câncer na bexiga não é mais necessário, que o momento é absolutamente inadequado.

Inclusive para que ele seja presidente do PSDB, como quer o partido. Covas não se sente eticamente liberado perante os eleitores para abrir mão da atenção total ao governo e fisicamente ainda se considera impedido de exagerar nas atividades. De fato, na segunda-feira, depois de uma sexta em que trabalhou das 8h a 1h da madrugada, dizia que estava se sentindo "mezzo a mezzo" e reconhecia que ainda está sob algumas limitações.

"Acabei de ganhar uma eleição muito difícil, depois da qual descobri que estava com um tumor muito violento, cujo processo de cura foi sofrido. Sinto cansaço e um certo temor físico de fazer grandes esforços." Covas acha que mesmo não ocupando a presidência pode perfeitamente assumir na prática o papel de condutor referência do partido. E é nessa condição que agora põe um freio nas pretensões tucanas de lançar um candidato à sucessão de FH agora.

Na visão dele, tirando as crises econômicas, o tumulto deste reinício de governo deve-se fundamentalmente à disputa dos aliados por espaço político, agora que não há mais a expectativa de manutenção da atual aliança na próxima eleição. "O divórcio é inevitável, mas não cabe ao PSDB contribuir para tumultuar ainda mais esse processo."

Na opinião de Covas, o partido deve se recusar a abrir agora a briga sucessória até mesmo como estratégia eleitoral. Pelo seguinte: ele acha que quanto mais dificuldades forem criadas para o governo pior será o desempenho dele e conseqüentemente menores serão as chances de o PSDB continuar no Planalto em 2002.

"O primeiro mandato transcorreu em céu de brigadeiro. Em função do Plano Real havia pouca controvérsia popular, pouca divergência interna na aliança e a oposição estava muito mais fraca", argumenta. Agora a situação é inteiramente diferente. "O segundo período começou conturbado e há problemas que precisam ser enfrentados, como a revisão dos termos de convivência entre aliados e a dicotomia do partido entre evitar conflitos e afirmar a necessidade de o governo mudar seu eixo para uma política de desenvolvimento sem, no entanto, abrir mão da estabilidade."

Quanto à postura dos aliados, que fazem o engalfinho explícito, Covas considera que a posição deles é diferente. Não dependem, ou dependem menos, do sucesso do governo para viabilizar seus futuros.

"Se tomamos a iniciativa de apresentar candidaturas, por que é que os outros não se darão ao direito de fazer o mesmo?"

Sim, mas eles farão isso com PSDB ou sem PSDB. "É verdade, por isso mesmo é que os termos da aliança precisam ser revistos, o que não quer dizer que devemos deixar o governo desguarnecido."

Coisa que fizeram o PMDB e o PFL ao criar as CPIs dos Bancos e do Judiciário. "Por esta razão defendi que o governo andasse rápido e se antecipasse às investigações."

Covas não se estende em juízo de valor a respeito da posição governista neste aspecto, mas faz algumas considerações a respeito da CPI dos Bancos e reparos à decisão do PSDB de não aceitar a presidência. "Acho que foi um erro porque espaço político a gente ocupa. Quando fica vazio sempre há alguém para tomar o lugar."

Defensor pioneiro da CPI entre os governistas, Covas não tem aprovado de todo os métodos empregados. "Outro dia vi o relator dizendo que eles estão atrás de um tucano grande. Acho que a recusa de Chico Lopes em depor expôs falhas da comissão, que agora parece que está atrás de coisas que não existem."

Mas Covas considera que exageros de procedimentos serão avaliados corretamente pela população. Por isso é favorável a que os trabalhos da comissão continuem sendo transmitidos integralmente pela televisão. "É isso que garantirá a transparência. A população fará seu próprio julgamento a respeito do que está errado, seja no governo ou na CPI."

Internamente, porém, continua a defender uma reestruturação nas relações de Fernando Henrique com os partidos aliados. "Não é rompimento, mas já que existe um governo em plena vigência é necessário ter clareza a respeito do que vale ou do que não vale nessa convivência."

Diz, no entanto, que não cabe a ele dar palpite. Aliás, acha que não cabe a ninguém, só ao próprio presidente. "Ele é o condutor desse processo, a aliança se formou em torno dele e não entre os partidos. Mas não gosto de dar opinião porque ele sabe como fazer as coisas. Ganhou duas eleições em primeiro turno e eu tive de comer o pão que o diabo amassou para ganhar no segundo. Acho que, no fundo, o errado sou eu."

"Se o PSDB lançar candidato agora vai tornar as coisas piores para Fernando Henrique."

(MÁRIO COVAS)